

## EDITORIAL

*Mercedes Lopes\**

O objetivo deste número de Mandrágora é oferecer elementos para uma reflexão diferente sobre a visão da divindade e mostrar que mulheres e homens marginalizados foram incluídos na formação do imaginário religioso. Com suas diferentes apresentações da divindade, esta revista apresenta alternativas para re-imaginar a divindade e, ao mesmo tempo, contribuir para uma desconstrução da imagem masculina de Deus como “o Todo-Poderoso” e “o totalmente Outro”. Um Deus que, a partir do “alto”, nos controla, pune, purifica e domina. Essa imagem de Deus não serve mais para hoje, porque sustenta um sistema social e religioso, no qual um grupo de privilegiados domina e se impõe sobre toda a população.

Assim como o judaísmo e o cristianismo se originaram dentro de uma cultura patriarcal, também outras religiões antigas (o hinduísmo, o confucionismo, o budismo e o islamismo) nasceram em sociedades patriarcais. O resgate da história das religiões pode nos mostrar o processo de seleção das imagens da divindade. Uma visão desses processos gera uma amplitude maior do que aquela que nos é imposta pelas religiões institucionalizadas. Ao fazer esse estudo, percebemos que as atuais imagens masculinas de Deus são resultado de contextos culturais e de movimentos de exclusão. Portanto, é importante perceber os condicionamentos culturais de uma sociedade patriarcal e tomar consciência de que as imagens patriarcais de Deus influenciam a espiritualidade, o comportamento dos corpos e a relação entre as pessoas e com o universo.

O uso da imagem masculina e patriarcal de Deus tem como consequência a legitimação das desigualdades estruturais, dos privilégios de pessoas e grupos que se julgam superiores, sacralizando a imagem do homem como representação de Deus no mundo. Essa imagem de Deus impede que a mulher vivencie sua identidade como graça e faça a experiência da semelhança com Deus, crescendo em dignidade, poder e auto-estima.

---

\* Mercedes Lopes é membro do Netmal, mestra e doutoranda em Bíblia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

Resgatar alguns símbolos do imaginário feminino sobre a divindade, presentes tanto em antigas culturas do ocidente, da África e do oriente, quanto em culturas contemporâneas da América Latina pode nos desafiar a encontrar uma forma adequada e inclusiva para falar da divindade, hoje. Mas não é suficiente falar de Deus em feminino. É preciso mudar totalmente a forma de ver e de nos relacionar com Deus/Deusa e é necessário, também, criticar uma visão de Deus/Deusa que reforça os papéis masculinos e femininos que temos na atualidade. A divindade nos desafia a superar essas divisões de papéis.

O milênio novo caracteriza-se pela busca de harmonia e de integridade nas relações, pelo compromisso solidário na luta pela justiça e pela militância cidadã para a transformação da sociedade. Essa busca exige uma radical mudança em nossa postura frente ao mundo, em nossas relações com a divindade, com nosso corpo, superando todo tipo de exclusão e divisão. É nesse sentido que recolho estas palavras da teóloga sul-coreana Chung Hyung Kyung:

Em muitas partes do mundo, a hipótese do dualismo orienta a vida do ser humano. Nosso corpo e nosso espírito, nossas emoções e nossa mente, nosso mundo e Deus, a imanência e a transcendência, as mulheres e os homens, os negros e os brancos, os pobres e os ricos, uma lista interminável de divisões e de polaridades se impõe como uma 'cultura escindida', na qual o último termo da polaridade é mais valioso e importante que o primeiro. A 'cultura escindida' gera seres de 'personalidade escindida'. Nessa cultura, estamos separados de nós mesmos. Esquecemos que todos viemos da mesma fonte de vida, Deus, e que todos os fios da nossa vida estão inter-relacionados. 'No princípio, foi a relação'. O desejo divino de relação com o cosmo deu origem ao universo. Depois de havê-lo criado, Deus sentiu que lhe agradava e que era belo. Era formoso porque estava na relação adequada, e porque, nele, não havia exploração, nem divisão. Tinha sua própria integridade; todos os seres dançavam ao ritmo de Deus"<sup>1</sup>.

Atentas a essa busca de harmonia e de integridade nas relações, mostramos que, durante séculos e em diferentes povos, houve um variado imaginário da divindade e não somente a imagem do Deus masculino, guerreiro, poderoso e dominador/libertador. Resgatamos essas imagens femininas da divindade e as apresentamos como alternativas às mulheres e homens marginalizados, seja por questões raciais, de gênero ou sociais. Que as mulheres e homens marginalizados sintam-se desafiados a criar novas imagens da divindade com as quais possam se identificar, gerando mais espaços de participação. Nosso desejo é que essas imagens alternativas da divindade nos inspirem para re-inventar imagens de Deus/Deusa e para tecer novas relações de reciprocidade e respeito, em vez de dominação, controle e violência.

Boa leitura e bom passeio por essa cosmologia de Deusas!

---

1. *Justiça, paz e integridade da relação*, em Sétima Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Canberra – Austrália, fevereiro de 1991, Documento PL3.3, p. 6.